

PODCAST “PODM.A.M.A” – MULHERES ACADÊMICAS, MÃES ATUANTES

“PODM.A.M.A” PODCAST: WOMEN IN ACADEMIA, ACTIVE MOTHERS.

Gisele Camilo da Mata¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5086-6174>

E-mail: camilodamata@gmail.com

Paulo Henrique Queiroz Nogueira²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8073-1214>

E-mail: pauloqn@yahoo.com.br

Guilherme de Alcântara³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6489-5208>

E-mail: guilhealcan@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta um recurso educativo produzido como resultado do projeto de pesquisa “Quem pode ser mãe: maternidade, produção de conhecimento, escolhas (im)possíveis e experiências estudantis na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)”, desenvolvido no Mestrado Profissional em Educação/PROMESTRE/FaE/UFMG. Esse recurso educativo foi produzido na forma de um podcast denominado “PODM.A.M.A”, que apresenta questões centradas na experiência da maternidade no cotidiano de estudantes e pesquisadoras que são mães no contexto universitário. A pesquisa teve aporte teórico do feminismo negro, dialogando com o pensamento da socióloga Patricia Hill Collins (2019) e de intelectuais negras brasileiras (GONZALEZ, 1984; 1988 BAIROS, 1995; 2008; CARNEIRO, 2003; 2005; TRINDADE, 2005; WERNECK, 2006 e BUENO, 2020). Utilizaram-se entrevistas semiestruturadas como principal metodologia, através da análise de discurso. Os resultados mostram que há pontos em comum nas narrativas, principalmente no que diz respeito à elaboração de redes de apoio, construção de estratégias de continuidade e resistência dentro da universidade.

Palavras-chave: Maternidade; Estudantes-mães; Redes de apoio e estratégias; Recurso educacional: Podcast.

Abstract

This article presents an educational resource produced as a result of the research project titled “Who can be a mother: motherhood, production of knowledge, (im)possible choices, and student experiences at the Federal University of Minas Gerais (UFMG),” in Belo Horizonte, Brazil. This educational resource was produced as a podcast called “PODM.A.M.A,” which presents issues centered around the experience of motherhood in the daily life of students and researchers who are mothers, within the university context. The project included a theoretical input from black feminism, conversing with the thought of social scientist Patricia Hill Collins (2019) and Brazilian black intellectuals (GONZALEZ, 1984; 1988 BAIROS, 1995; 2008; CARNEIRO, 2003; 2005; TRINDADE, 2005; WERNECK, 2006 e BUENO, 2020).

1 Mestre em Educação e Docência - PROMESTRE da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

2 Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pós-doutorado na Faculdade de Educação/FACED da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

3 Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Professor adjunto de Sociologia da Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Semistructured interviews were used as the main methodology through discourse analysis. The results show that there are common points in the narratives, particularly regarding the elaboration of support networks, construction of continuity strategies, and resistance within the university.

Keywords: Motherhood; Student mothers; Support networks and strategies; Educational resource: podcast.

INTRODUÇÃO

Inicialmente este texto expressa meu entusiasmo com a leitura da chamada pública do “Dossiê Temático: Mestrado Profissional, Pesquisa Aplicada e Educação: atividades investigativas e produtos” que possibilita a visibilidade e o compartilhamento de experiências em processos formativos e de investigação nos programas de mestrados profissionais do campo educacional e, simultaneamente, constitui-se um espaço de divulgação e circulação dos recursos educacionais produzidos nas pesquisas.

Este texto parte de duas frentes. Na primeira, situo de que lugar falo como pesquisadora. Sou mulher, negra, mãe de gêmeos, que vem de família negra em que as chefias femininas predominam. Toda minha trajetória estudantil (durante a Educação Básica) foi em escolas públicas, sou licenciada em História por uma instituição privada de ensino, e graduada em “Processos Gerenciais e Especialista em Gestão Pública” pela “Universidade do Estado de Minas Gerais”/UEMG.

Na segunda, está o compromisso intelectual e político que assumo a partir de Gonzalez, 1984; hooks⁴, 1995; Carneiro, 2005; Collins, 2019 como movimento de reconhecimento e autoafirmação. Ainda que este movimento seja percebido como algo estranho ou incômodo, encontro-me igualmente ancorada por outras intelectuais feministas negras que construíram um pensamento situado e posicionado, sendo este o legado que contribui para minha formação como intelectual.

Assim como o aporte do pensamento feminista negro configurou-se também como via de leitura e análises das experiências trazidas durante o desenvolvimento da pesquisa, implicando-me como sujeito e pesquisadora e, em conjunto com elas, permitiu e consolidou nesta investigação uma trincheira em que nós resistimos como mulheres negras e mães. Quero dizer com isso que após o evento do parto — minha experiência subjetiva — mobilizou-se, em mim, percepções e questões objetivas acerca da maternidade que me atingem diretamente como mulher e universitária. Evento esse que promoveu “uma ruptura entre um lugar de

⁴ Em todo o texto foi mantido o nome e sobrenome da autora em letras minúsculas, respeitando a grafia por ela escolhida como forma de enfrentamento à corrente do academicismo capitalista e hegemônico que valoriza nomes frente às ideias.

passividade e para a percepção da potência, começo a pensar sobre a experiência da maternidade nas várias instituições sociais”. (MATA, 2022)

De modo geral, resolvi pesquisar “as relações das vivências da maternidade no cotidiano das estudantes e pesquisadoras mães na UFMG, percebendo as potências e estratégias dessas mulheres que resistem no ambiente acadêmico”. (MATA, 2022).

Especificamente, debruicei-me em questões que versavam sobre a relação da maternidade e o percurso acadêmico dessas mulheres em sua inserção nos cursos de graduação e pós-graduação enquanto mãe solo. E, a partir dessa compreensão, ampliar para as redes de apoio na dinâmica de formação, bem como as estratégias mobilizadas que se configuraram em resistência e permanência no ambiente universitário.

No estudo usei conceitos provenientes de teorias do pensamento feminista negro estadunidense (COLLINS, 2019), assim como autoras do feminismo negro no Brasil (GONZALEZ, 1984; 1988 BAIROS, 1995; 2008; CARNEIRO, 2003; 2005; TRINDADE, 2005; WERNECK, 2006 e BUENO, 2020).

Sendo uma importante contribuição no uso desses referenciais o entendimento sobre as potências e estratégias das mulheres negras ao nomear a sua própria experiência de resistência. Entendimento que toma amplitude quando me implico diretamente nas análises desenvolvidas na investigação. Mais que isso, esse referencial trouxe a concepção e percepção da produção intelectual de mulheres negras no meio acadêmico, como foi problematizada por bell hooks (1995):

As intelectuais negras trabalhando em faculdades e universidades enfrentam um mundo que os de fora poderiam imaginar que acolheria nossa presença, mas que na maioria das vezes encara nossa intelectualidade como suspeita. O pessoal pode se sentir à vontade com a presença de acadêmicas negras e talvez até as deseje, mas é menos receptivo a negras que se apresentam como intelectuais engajadas que precisam de apoio, tempo e espaço institucionais para buscar essa dimensão de sua realidade. (hooks, 1995)

Ao reconhecer o valor e potência de trazer experiências de vida como fonte de dados para construção do conhecimento, fui tecendo um caminho como pesquisadora que culminou em uma produção coletiva, compartilhada. Ou seja, é um trabalho que se constitui, em sua organização, “por dinâmicas apreendidas além das lógicas da educação institucional do ensino superior brasileiro”, pois ao compartilhar histórias criaram-se laços que compuseram a investigação. (MATA, 2022)

Essa é a potência do programa de mestrado profissional com pesquisa aplicada à Educação, pois contribui para descolonizar o conhecimento e ao mesmo tempo permite

produzir outros modos de fazer pesquisa, concreta, subjetiva e objetivamente, tanto do ponto de vista da coerência das escolhas possíveis, quanto impossíveis.

PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO, ESCOLHAS (IM)POSSÍVEIS

A dissertação intitulada “*Quem pode ser mãe: maternidade, produção do conhecimento, escolhas (im)possíveis e vivências de estudantes na UFMG*” foi desenvolvida na linha de pesquisa “Educação, Ensino e Humanidades” vinculada ao “Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação e Docência” ofertado na “Faculdade de Educação” da “Universidade Federal de Minas Gerais”/PROMESTRE/FaE/UFMG.

A pesquisa ocorreu quando se estabeleceu o isolamento social como medida de biossegurança no contexto da pandemia mundial de Covid-19⁵. O que exigiu mudanças e adequações em todos os aspectos da vida, entre elas, o desenvolvimento de tecnologias da comunicação passíveis de virem a substituir as interações face a face necessárias à consecução das entrevistas demandadas pela pesquisa. Assim, as investigações aqui retratadas foram realizadas por meio de plataformas digitais, gravadas e transcritas atendendo todos os procedimentos éticos demandados pelas pesquisas com seres humanos.

Mesmo que as entrevistas tenham ocorrido nesse cenário, os ambientes virtuais foram um facilitador, especialmente no contexto diário das demandas do cuidado que pesam sobre essas mulheres, do qual não excluo minha própria dinâmica. Por isso, o advento e capilaridade das “relações mediadas pela *internet* e artefatos tecnológicos”, confluíram sem impeditivos ou obstáculos — devido ao distanciamento social — para a produção dos dados. (PARREIRAS; LACERDA, 2021) O que coincide com os estudos sobre etnografia digital da antropóloga Claudia Ferraz (2019) quando a autora reflete que há nessa nova configuração a exigência de “adaptação dos métodos de investigação nas Ciências Sociais a fim de permitir análises fieis dos movimentos e das atuações da cultura estudada nas redes sociais”. (FERRAZ, 2019)

Quanto ao recurso educacional produzido, trata-se de um *podcast* que se direciona especialmente a uma sensibilização da comunidade acadêmica. Isso por que os dados trazidos nas entrevistas propõem e fomentam o debate acerca da relação maternidade e universidade, debruçando-se sobre as estratégias de resistência e permanência que essas mulheres mobilizam em sua vivência no contexto da UFMG.

Espera-se que a socialização desse recurso educacional ganhe amplitude e contribua para se pensar em políticas de apoio às maternidades nos diversos âmbitos, sejam os sociais,

⁵ Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em 18 fev. 2023.

organizacionais e institucionais que permeiam as instituições, principalmente as de ensino superior.

Além disso, é também um modo de devolução dos achados da investigação realizada à sociedade e, especialmente, à comunidade acadêmica em geral.

Nessa seara, como artefato digital⁶ os *podcasts* tiveram grande avanço desde seu advento em 2004. Confluindo com estudos que “apontam uma ‘era de ouro’ da ‘podosfera’ (FREIRE, 2013; SPINELLI e DANN, 2019; FLEISCHER e MOTA, 2021)”. (MATA, 2022)

A escolha do *podcast* como recurso educacional para a investigação seguiu alguns critérios, sendo um deles o cenário instituído pela pandemia de Covid-19. Outro aspecto considerado nessa escolha foi a potencialidade dessa ferramenta como meio de produção e divulgação de conhecimento. E como afirma Freire (2013), os *podcasts* por estarem “focados na reprodução de oralidade e/ou de músicas/sons” contribuem com o exercício de escuta, um elemento significativo na circulação de conhecimentos e saberes necessários a divulgação científica.

Para além dessa perspectiva, o uso do *podcast* enquanto ferramenta de ensino está em consonância ao que Parreiras e Lacerda (2021) nos explicam:

Em diálogo com Ciências Sociais, estudos sobre a relação entre *podcast* e educação provenientes do campo da Comunicação e da Pedagogia sugerem que algumas características deste artefato fazem com que ele seja um recurso para processos de ensino-aprendizagem. (PARREIRAS; LACERDA, 2021)

Dessa forma, na pesquisa utilizou-se o *podcast* como ferramenta pensando na relação proximal entre tecnologia e educação, sobretudo devido às várias possibilidades que esse veículo de comunicação tecnológica apresenta, tais como a:

(...) portabilidade (pode ser ouvido em celulares, computadores), otimização do tempo (entre a realização de outras atividades), podem ser baixados (o que dispensa conexão com a internet) e alguns aplicativos que permitem a interação. (MATA, 2022)

Nesse conjunto de opções também existe a possibilidade de diferentes formatos e tipos de veiculação. Na pesquisa, por exemplo, optou-se pela plataforma *YouTube* para sua hospedagem apesar do cardápio de plataformas digitais para essa finalidade, sendo esses elementos o que conformam sua utilização com caráter educativo.

⁶ Chan-Olmsted e Chang *apud* Parreiras e Lacerda (2021, p. 04) definem e elaboram esse tipo de codificação e produção de dados.

MÉTODOS

Metodologicamente, optei por uma investigação qualitativa na UFMG, onde ainda é incipiente políticas de apoio às maternidades e à parentalidade em geral, de modo a garantir o ingresso, a permanência e a certificação do curso por esse público específico. Conduzi entrevistas semiestruturadas e gravadas em áudio. Sete colaboradoras concordaram em participar do estudo. Mulheres em diferentes etapas da carreira acadêmico-científica que trabalhavam em diversas áreas, como docência da educação básica ou ensino médio, cabelereira, pesquisadora.

E como uma das exigências de um mestrado profissional, propus-me a elaborar um recurso educacional que viesse a se constituir como uma tecnologia social aplicada à educação. Buscando ressaltar a riqueza desse produto/recurso educacional através da circulação de alguns dados obtidos na pesquisa, fazendo conhecer as experiências dessas mulheres e, possivelmente, permitir que esses mesmos dados venham a motivar a elaboração de projetos e políticas que considerem a maternidade em perspectiva relacional, estrutural, organizacional e institucional na universidade.

Assim, foram realizadas sete entrevistas, sendo duas publicadas no *YouTube*⁷. Os episódios foram subdivididos na seguinte conformação: na primeira parte do episódio são narradas as questões mais gerais e o percurso estudantil das entrevistadas; na segunda, apresentam-se as questões específicas a respeito da vivência da maternidade no contexto da UFMG.

De modo semelhante à pesquisa e em consonância ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), buscou-se manter e preservar as identidades das participantes na elaboração do *podcast*. Por isso, utilizamos nomes de intelectuais negras brasileiras garantindo o anonimato previsto. Quanto a duração dos episódios, dez minutos é o tempo aproximado para cada um e abrimos com questões da trajetória estudantil e acadêmico-científica das participantes.

Em seguida, buscamos trazer os elementos disponíveis nas entrevistas que permitiam compreender as percepções sobre o impacto da maternidade durante a formação acadêmica, assim como as “questões sobre redes de apoio, bem como estratégias de resistência e permanência na universidade. Por fim, acionamos as chaves teórico-analíticas para estruturar a problemática da investigação”. (MATA, 2022)

⁷ Disponível no canal **PodM.A.M.A.** – Mulheres Acadêmicas, Mães Atuentes.

Episódio 1: Lélia Gonzalez / <<https://youtu.be/tpeav5IKGo0>>

Episódio 2: Luiza Bairros / <<https://youtu.be/MnyywqzfnCU>>

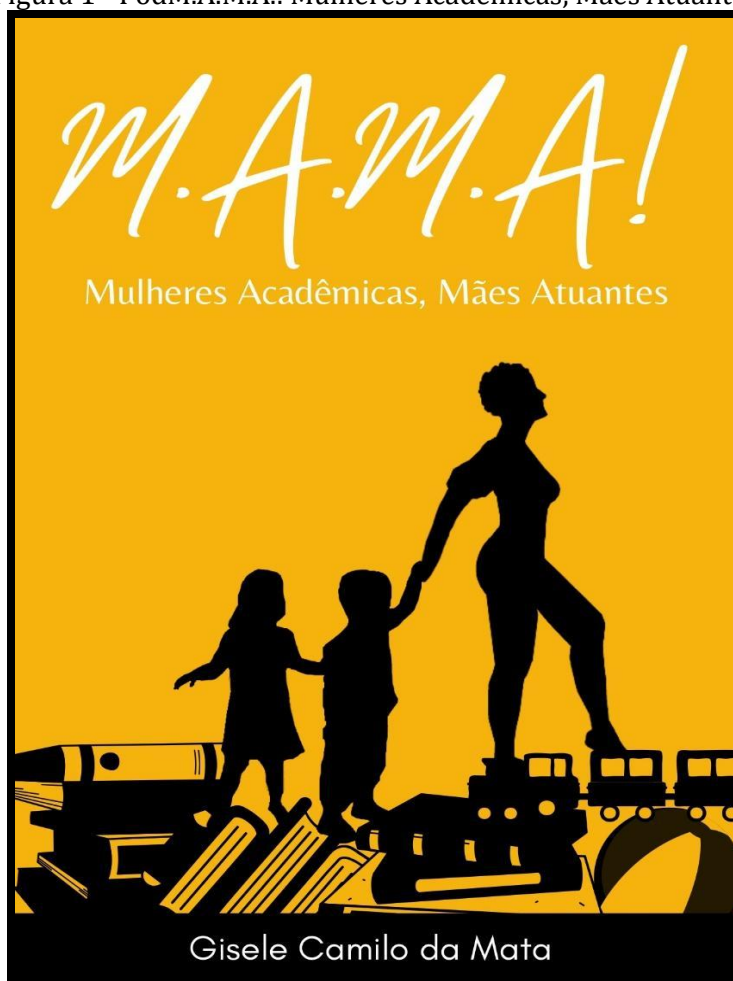
Essa curadoria na seleção dos trechos mais relevantes na produção do *podcast* se deu a partir dos dados sobre a relação dos discursos e imagens construídas sobre a maternidade, como as vivências das participantes se interseccionam e quais dimensões, tensionamentos e atualizações, contemporaneamente, têm se constituído a respeito da maternidade — sobretudo considerando o retrocesso e o conservadorismo social e político que se instauraram no país desde as eleições de 2018.

Com relação ao nome e à identidade visual do *podcast*, a elaboração e autoria é própria e surge a partir da parceria entre o “Programa de Pós-Graduação/PROMESTRE” e o Curso de Design da UFMG.

Após a escolha do nome do *podcast* — mesmo do canal do *YouTube* — seleção e produção do conteúdo e elaboração da identidade visual, construí-se o roteiro para a gravação. Cumprida essas etapas, sequencialmente, realizou-se a edição, publicação e divulgação do *podcast* “PodM.A.M.A. – Mulheres Acadêmicas, Mães Atuantes”.

IDENTIDADE VISUAL DO PODCAST

Figura 1 - PodM.A.M.A.: Mulheres Acadêmicas, Mães Atuantes



Fonte: Elaboração própria

A imagem remete à dupla ou à tripla jornada das mulheres mães ao se comprometerem com as diversas atividades que compõem o universo pessoal e familiar das entrevistadas em que o cuidado com os filhos e as obrigações impostas pela sua inserção na universidade estão destacadas.

O título do *podcast* faz um jogo de palavras com a sigla “Mulheres Acadêmicas, Mulheres Atuantes” e o balbúcio frequente em crianças pequenas na aprendizagem da palavra “mamãe”. Aqui referendando uma condição que atravessa os arranjos familiares e acadêmicos em que a condição da maternidade interpela o estatuto de gênero e das experiências dessas mulheres em sua formação profissional.

RESULTADOS

Baseada nas entrevistas construí a análise que apresentei na dissertação a partir das contribuições analíticas dos referenciais teóricos deste trabalho. Aqui trago um breve perfil das mulheres entrevistadas, destacando as redes de apoio e as estratégias desenvolvidas em um quadro geral do perfil das mesmas.

Tabela 1 – Perfil das entrevistadas

Lélia	Sueli	Sílvia	Jurema	Dagmar	Luiza	Heloísa
Negra	Negra	Branca	Negra	Branca	Negra	Branca
Mãe Solo	Família Nuclear	Família Monoparental	Família Nuclear	Mãe Solo	Família Nuclear	Família Nuclear
Gravidez na Graduação	Gravidez e parto durante a seleção da pós-graduação	Gravidez na graduação	Gravidez na graduação	Gravidez na graduação	1º Gravidez na graduação 2º Gravidez na pós-graduação	Gravidez na pós-graduação

Fonte: Elaboração própria

Entre elas, quatro se autodeclararam como negras e três como brancas. Havendo uma maior prevalência de famílias nucleares, sendo que uma das entrevistadas se identifica como família monoparental e duas se autodeclararam como mães solo.

PERFIL DAS ENTREVISTADAS

Lélia Gonzalez

A Lélia é professora, mulher negra, mãe solo de um menino negro, com pele parda que tinha 7 anos quando ocorreu a entrevista. Atualmente é docente concursada na rede pública estadual em Itabira/MG.

O pai de Lélia já havia falecido quando ela ingressou na universidade. Como sua relação com a mãe sempre foi difícil, ressaltou que desde o primeiro semestre do curso, até sua conclusão em 2016, dependeu da assistência estudantil e de bolsas institucionais mais diversas: monitoria, iniciação científica, extensão, assistência estudantil como meio para sua subsistência e permanência na universidade.

Destacou ainda ter conseguido manter a excelência acadêmica (diretamente relacionada à pontuação e à frequência, critérios para manutenção da assistência estudantil) nos estudos mesmo com a gravidez, em 2012, durante a graduação, apesar de ter ficado sozinha no cuidado com o bebê. Situação que permanece e a coloca como única responsável pelas despesas da casa e do filho.

Foram as vivências do cuidado que a fizeram repensar as possibilidades de ser mãe na universidade. Isso porque precisou compartilhar moradia, pois não conseguiu moradia universitária, o que a levou a compreender melhor o que é ser 'mãe em tempo integral, ao mesmo tempo que a fez conhecer a realidade e vulnerabilidade de estudantes estrangeiros, sobretudo as intercambistas de África que são mães.

Sueli Carneiro

Sueli é produtora multimídia, mulher negra, 33 anos, casada e mãe de uma filha, que está com 3 anos. Fez duas graduações: Pedagogia, na "Universidade do Estado de Minas Gerais" (UEMG), e a segunda um curso Tecnológico de Produção de Multimídia, em uma instituição privada de ensino.

No momento da entrevista, havia terminado de realizar sua defesa de mestrado na Faculdade de Educação da UFMG e estava trabalhando como autônoma em *design* de produtos. Deixou evidente em seu relato os desafios em prosseguir na carreira de pesquisadora devido às exigências de conciliar o cuidado com a filha e as dificuldades advindas do ingresso em programas de pós-graduação. Dificuldades intensificadas quando da descoberta de que a filha é portadora de cardiopatias graves, condição que necessitou de acompanhamento ainda durante seu percurso formativo.

Silvia Federici

Sílvia é estudante. Mulher branca, 27 anos, tem uma filha e se identifica como família monoparental. Natural da cidade São Paulo, decidiu vir fazer o curso superior em Belo Horizonte e assim está cursando Química na UFMG. E o fator decisivo para sua escolha de migração estava atrelada à necessidade de distanciar-se de sua família, devido a dificuldades de relacionamento com os pais.

Sílvia menciona que seu principal meio de sobrevivência na universidade foi a assistência estudantil, além do ingresso de alguma renda aportada por trabalhos esporádicos e a pensão destinada aos cuidados da filha paga pelo pai da criança. Como a maternidade veio sem planejamento — aspecto principal na vida de Sílvia — precisou de vários e diversos arranjos e organizações para sua permanência na universidade que lhe permitissem concluir a graduação.

Destacou, em seu relato, que a pandemia trouxe e amplificou muitos dificultadores, especialmente no aspecto financeiro. Por isso, precisou contar com ajuda de amigos durante um período.

Jurema Werneck

Jurema é professora e *trancista*. Apesar de graduada em Letras, com licenciatura em Português pela UFMG, atualmente trabalha como *trancista* desde que se mudou para Portugal, o que ocorreu após o término do curso. Mulher negra, 33 anos, casada, tem uma filha de 4 anos. Intercambista de Guiné-Bissau, Jurema decidiu vir ao Brasil para fazer um curso superior devido à experiência de intercâmbio da irmã. Desde sua chegada ao Brasil, Jurema declarou que não pôde contar com a assistência estudantil. Esse foi o principal motivo que durante toda graduação precisou trabalhar como meio de subsistência.

Somente no período próximo a finalizar a graduação teve acesso à assistência estudantil devido à maternidade. Destacou, ainda, sentir muita diferença entre o ensino de seu país e na UFMG, sobretudo no que diz respeito à autonomia da vida acadêmica no percurso formativo.

Dagmar Meyer

Dagmar, mulher branca, 29 anos é mãe solo, tem uma filha que está com 5 anos, é professora da rede municipal em Belo Horizonte e em Santa Luzia. Em sua experiência da maternidade, traçou uma linha temporal que convergiu com o término do seu curso de graduação em 2014 para, ao mesmo tempo, situar que sua formatura, no entanto, ocorreu apenas em 2015. Esse interstício se deu no contexto da descoberta da gravidez e os impactos da gestação que lhe exigiram manter o vínculo com a universidade para continuar frequentando o estágio remunerado que lhe permitia ter acesso à única renda disponível para seu cuidado durante esse período. Assim, atuou como bolsista no Centro Pedagógico/UFMG até o nascimento da filha, depois disso, o vínculo foi encerrado.

Dagmar relata que teve acesso à assistência estudantil, assim como o pai da criança, que também era estudante de graduação na mesma universidade. E enfatizou ter enfrentado muita

resistência por parte da comunidade acadêmica com sua gravidez, muito pautada na questão geracional.

Luiza Bairros

Luiza é professora da rede municipal em Belo Horizonte, também atua com formação de professores, coordena projeto relativo ao ciclo permanente de estudos e debates sobre educação básica. Mulher negra, casada, tem dois filhos que estavam com 8 e 13 anos quando realizamos a entrevista.

Graduada em Geografia, mestre e doutoranda em Educação, destacou que teve toda sua formação acadêmico-científica realizada na UFMG, e que toda sua trajetória estudantil foi em rede pública de ensino e para entrar na universidade foi necessário fazer um curso preparatório, à época ainda era realizado o vestibular, que ela mesma pagou. Continuou no trabalho remunerado fora da UFMG mesmo após entrar na universidade, condição que se assemelha à maioria das pessoas que optam pelo turno da noite para formação acadêmica.

Luiza conta que em seu percurso acadêmico teve uma experiência carregada de muita violência simbólica com um professor da Faculdade de Educação da universidade, em que foi vítima de racismo. Foi essa experiência visceral que levou Luiza a “transformar seu silêncio em ação”, como nos ensina Audre Lorde (1977). Isso por que posicionou-se contrária às expressões racistas, machistas e homofóbicas daquele professor e aciona a universidade institucionalmente ao formalizar um processo administrativo.

Heloísa Buarque de Hollanda

Heloísa é professora e pesquisadora. Tem 36 anos é uma mulher branca, casada, e tem um filho que estava com 1 ano e 10 meses, quando realizamos a entrevista. Graduada em Ciências Sociais pela UFMG, durante a entrevista contou que atualmente está como pesquisadora bolsista de pós-doutorado. Relata que seus pais são os primeiros da geração da família a cursarem o Ensino Superior, sendo que sua mãe é dentista e o pai, bancário. Mudou-se do interior para capital e antes de ingressar na universidade morou em um internato de freiras, destacando que toda sua trajetória estudantil foi em escola particular.

Heloísa — diferentemente das entrevistadas Lélia, Sueli, Silvia, Jurema, Dagmar e Luiza — anunciou em seu relato uma maior discrepância em relação a outras depoentes. A sua origem social e o acesso a maiores recursos materiais e simbólicos fizeram com que Heloisa desfrutasse de melhores condições para se manter na universidade e, inclusive, usufruísse de mais apoio durante a sua maternidade.

DISCUSSÃO

Ainda que a forma resumida dos perfis aqui apresentados não dê conta da dimensão de suas experiências individuais e coletivas, quando olhamos as trajetórias dessas mulheres começamos a ter uma noção mais concreta dos dificultadores que essas mulheres vivenciaram. Desde a pressão familiar e social pela excelência, bem como o embate, conflito e confronto aos estereótipos que lhes são impingidos.

Muitas são as questões que neste estudo são reveladas a partir da análise dos dados coletados. Entretanto, como inicialmente proposto, concentro-me no compromisso intelectual e político que assumo de reconhecer, visibilizar e contextualizar suas vivências da maternidade no percurso estudantil e acadêmico, sobretudo as estratégias de permanência e resistência que mobilizam e descontrolam noções hegemônicas a respeito da maternidade.

Ao analisar as trajetórias das participantes dessa pesquisa, resgato uma mensagem de bell hooks (1952-2021), que hoje está em nossa ancestralidade, sobre mulheres que estão mudando a história e a ciência com seu trabalho intelectual:

Muitas vezes, o trabalho intelectual leva ao confronto com duras realidades. Pode nos lembrar que a dominação e a opressão continuam a moldar as vidas de todos, sobretudo das pessoas negras e mestiças. Esse trabalho não apenas nos arrasta para mais perto do sofrimento, como nos faz sofrer. Andar em meio a esse sofrimento para trabalhar com ideias que possam servir de catalisadores para a transformação de nossa consciência e nossas vidas, e de outras, é um processo prazeroso e extático. Quando o trabalho intelectual surge de uma preocupação com a mudança social e a política racial, quando esse trabalho é dirigido para as necessidades das pessoas, nos põe numa solidariedade e comunidade maiores. Enaltece fundamentalmente a vida. (hooks, 1995)

Gostaria de falar um pouco sobre como estudantes e pesquisadoras que são mães são convocadas a serem “muitas versões em uma só” e a conciliarem diversas áreas da vida pessoal, familiar, profissional, acadêmica e científica, o que evidencia e escancara a sobrecarga de trabalho tão naturalizada em nossa sociedade.

Nessa dinâmica tem-se visível também os limites estruturais de ocupação, inclusão e permanência das maternidades no ensino superior brasileiro em que diferentes estratégias são desenvolvidas por essas mulheres ao longo de sua formação. Na tabela abaixo apresento algumas:

Tabela 2 – Compartilhar o cuidado: redes de apoio e estratégias

REDES DE APOIO		ESTRATÉGIAS
Redes de Apoio Permanente	Redes de Apoio Transitória	Permanência e Resistência
<ul style="list-style-type: none"> • Cônjuge/Pai da Criança • Familiares 	<ul style="list-style-type: none"> • Amigos • Privado (terceirização do cuidado remunerado) • Público (universidade/Estado) 	<ul style="list-style-type: none"> • Matricular criança em Escola de Educação infantil • Formação de coletivos • Mobilização de outros atores na universidade • Montar grupos de <i>Whatsapp</i> • Trabalho remunerado fora da universidade • Acesso às bolsas disponibilizadas pela universidade • Planejamento do percurso estudantil • Buscar apoio psicológico

Fonte: Elaboração própria

Para superar as dificuldades enfrentadas e as diversas interdições que vivenciaram durante seus processos formativos na graduação e pós-graduação, as mulheres estudantes e pesquisadoras-mães desenvolveram diferentes estratégias ao longo da formação. Muitas dessas estratégias, inclusive, mobilizaram a universidade em suas dimensões estruturais, institucionais ou ainda em seus atos normativos. Simultaneamente, essa movência indica como se constituem as redes de apoio, sejam elas permanentes ou transitórias. E esse é um importante termômetro que sinaliza a importância de incluir *maternidade* como um movimento de mudança epistêmica.

CONCLUSÕES

Os relatos dessas mulheres podem contribuir significativamente para visibilizar e debater os saberes elaborados e produzidos por mulheres estudantes e pesquisadoras-mães que informam sobre as diversas dimensões da experiência da maternidade no percurso formativo na universidade. Paralelamente, demonstram como desafios e potencialidades das maternidades, quando não excluídas, mas sim incorporadas ao ambiente acadêmico, podem se tornar importante ferramenta para pensar a permanência dessas mulheres em seu percurso acadêmico em que a universidade venha a se comprometer com a diferença mobilizada por elas.

Os dados sugerem que a criação de um referencial teórico para orientar ações afirmativas e políticas públicas de apoio às maternidades no ambiente acadêmico-científico é imprescindível para promover a reflexão e ação sobre o lugar do cuidado. Ao mesmo tempo, apresentam a maternidade como lugar de potência e autodefinição, sem romantização, mas

como “um tipo de força que faz com que mulheres em geral e mulheres negras em particular não desistam mesmo e apesar das opressões intersectadas por raça, gênero e classe”. (MATA, 2022)

Por fim, a pesquisa pretende colaborar para o aprofundamento dos estudos da maternidade como fenômeno, como marcador da diferença. Assim, no estudo, a proposta do feminismo negro de caráter interseccional nos fez perceber modos de fazer científicos comprometidos com a diferença e com políticas anti-hegemônicas — especialmente em como a relação maternidade, universidade e ciência é lida no cotidiano acadêmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAIRROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. Dossiê Mulheres Negras: **Revista Estudos Feministas**, ano 03, 2º semestre, 1995. Disponível em: <http://www.mulher500.org.br/nossos-feminismos-revisitados/>. Acesso em: 01 mar. 2023.

BUENO, Winnie. **Imagens de controle**: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Ashoka Empreendimentos Sociais; Takano Cidadania (Org.). Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano, 2003.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Feusp – São Paulo. Tese de Doutorado.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

FERNANDES, Talita Melgaço; ROCHA, Thaís Teles; MATA, Gisele Camilo da. **MaternAtiva**: pensando um campus para mães e crianças através das ações afirmativas e das redes de apoio. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/emsociedade/article/view/22029>. Acesso em: 19 fev. 2023.

FERRAZ, Cláudia Pereira. **A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line**. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/aurora/article/viewFile/44648/pdf>. Acesso em: 09 jan. 2022.

FLEISCHER, Soraya; MOTA, Júlia Couto da. **Mundaréu**: um podcast de antropologia como uma ferramenta polivalente. Revista de Antropologia, SP, v. 6, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/172390>. Acesso em: 09 fev. 2023.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. **Podcast na educação brasileira**: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação. Orientador: Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade. 2013. 338 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, 1984, p. 223-244. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica**. In: Problemas de gênero. Ensaio brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Funarte, 2016. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2023. hooks, bell. **Intelectuais Negras**. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v.3, n. 2, p. 464-478, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>. Acesso em: 08 mar. 2023.

MATA, Gisele Camilo da. **Quem pode ser mãe: maternidade, produção do conhecimento, escolhas (im)possíveis e vivências de estudantes na UFMG**. Orientador: Paulo Henrique de Queiroz Nogueira. 2022. 169 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Docência) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2022.

PARREIRAS, Carolina; LACERDA, Paula. **Tecnologia, educação e divulgação científica em Antropologia: usos, consumos e produção de podcasts**. Novos Debates, 7(1): E7114, 2021. Disponível em: <http://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/177/93>. Acesso em: 10 mar. 2023.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **A formação da imagem da mulher negra na mídia**. Orientador: Muniz Sodré de Araújo Cabral. 2005. 283 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

WERNECK, Jurema Pinto. **O samba segundo as Ialodês: mulheres negras e cultura midiática**. Orientadora: Liv Rebecca Sovik. 2007. 318 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

XAVIER, Giovana. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.